

# NÃO DÁ PARA SALVAR O PLANETA POR DECRETO



## Uma meta possível

Para evitar um desastre climático planetário, os 195 países da COP concordam que devem cumprir metas rígidas de cortes de CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono) para garantir que o aquecimento global não passe dos 2 graus neste século. O que precisa ser feito para atingir esse objetivo:



**Projeção da emissão mundial de CO<sub>2</sub> considerando os cortes necessários até 2100**  
(em bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano)

**As medidas necessárias para garantir a redução da emissão**

A China e os EUA terão de reduzir as emissões em 30% e o Brasil, em 35%

Em torno de 40% da matriz energética mundial precisará ser renovável e emissões vindas do setor energético global terão de cair pela metade

O corte nas emissões globais de gases de efeito estufa deverá ser de 40% a 70%

Fontes: IPCC, Equity Calculator e Agência Internacional de Energia



É nobre o apoio dos governos à adoção de medidas para criar um futuro sustentável. Mas só dará certo com a adesão e a liderança da iniciativa privada

RAQUEL BEER, DE LIMA

A Cúpula do Clima das Nações Unidas (COP) é um ponto de encontro anual no qual os países revelam seu grau de comprometimento com metas destinadas a construir um planeta saudável. A vigésima edição do evento, realizada nas últimas duas semanas em Lima, no Peru, teve uma relevância especial. Das discussões brotou o rascunho do tratado a ser assinado em dezembro do ano que vem, na próxima edição da reunião, em Paris, um substituto do defasado Protocolo de Kyoto, em vigor desde 1997. O documento servirá de guia para regular o corte das emissões de gases de efeito estufa, causadores do aquecimento global.

A decisão final da COP está programada para ser publicada até o sábado 13. Mas já se sabe de algumas medidas que deverão ser tomadas, principalmente as promessas dos três maiores poluidores do mundo, China, Estados Unidos e União Europeia. Chineses e americanos reafirmaram o acordo bilateral selado em novembro, no qual os asiáticos garantem que até 2030 usarão fontes renováveis para suprir 20% de sua matriz energética, enquanto os Estados Unidos querem cortar em 28% sua emissão de dióxido de carbono ( $\text{CO}_2$ ) no mesmo período. Já a União Europeia se comprometeu com uma diminuição de 40% na quantidade de gases de efeito estufa que joga na atmosfera nas próximas duas décadas. Todos visam a um único objetivo: evitar que o aquecimento global seja superior a 2 graus neste século, cenário desastroso.

#### TEMPO DE COBRANÇA

Protestos em frente à COP, em Lima: além de pressionar políticos, é preciso convencer empresas e pessoas

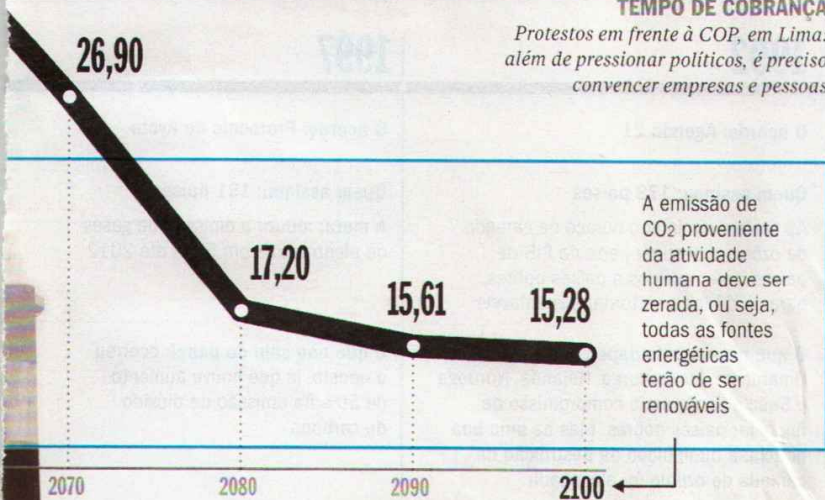


FOTO: MICHAEL PERCEC/CORBIS OUTLINE

As metas estabelecidas são mais do que números esboçados no papel. Servem de guia para uma transformação radical na sociedade. Diminuir a quantidade de poluidores, como o CO<sub>2</sub>, na atmosfera exige alterar as principais fontes energéticas, a forma de produção e os hábitos de consumo de toda a humanidade. É nobre o empenho dos governos em criar decretos que funcionem como faróis afeitos a iluminar o caminho de empresas e indivíduos na direção de um modo de vida menos agressivo ao ambiente. Mas tudo aquilo que foi combinado na COP tende a virar letra morta sem a adesão do setor privado. Não dá para salvar o planeta por decreto, e a longa história de outros acordos comprova que muitos deles ficaram apenas na promessa (*veja o quadro abaixo*). Decisões governamentais são bem-vindas, mas menos Estado é sempre bom.

Um passeio pelos corredores e salas do Quartel General Peruano, onde ocorreu a COP, é uma lição de anatomia da lerdia estatal. Foram duas semanas de conversas, que se prolongaram madrugada adentro, e até a última hora o jogo político emperrava a possibilidade de anunciar medidas práticas, realizáveis. A boa notícia é que, superados os entraves diplomáticos, deu-se um consenso inescapável, o de que é preciso vigilância e empenho de todos os setores da sociedade. As determinações são ambiciosas, soam impraticáveis — mas é melhor o exagero que a displicência.

**BATATA QUENTE** O aquecimento global, cuja intensidade é o dobro no Ártico, destrói habitats e compromete a sobrevivência da fauna e da flora

Mas, afinal, como começar a cumprir o dever se o Estado é pesadão e boa parte da iniciativa privada ainda parece hibernar? A partir do tratado de Paris, em 2015, os países terão de determinar quais serão, por exemplo, os subsídios que darão à produção de energia limpa ou quanto cortarão de incentivos à extração e queima de combustíveis fósseis (principal forma de emissão de CO<sub>2</sub> e causa predominante das mudanças climáticas), como o petróleo. Deverão, ainda, anunciar como reprimir outras atitudes que levam à devastação, a exemplo do desmatamento. A discussão que divide os governos é se os mais ricos, como os Estados Unidos, devem arcar com responsabilidades maiores que os mais pobres, como as nações africanas. Enquanto isso, um terceiro grupo, dos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, tenta achar um meio-termo, no qual todos assumem responsabilidades, mas em graus distintos, cada qual com sua conta. “É claro que os países industrializados há mais tempo têm de liderar, mas isso não significa que outros estão livres para repetir erros que cometemos, e que fizeram com que chegássemos aos níveis alarmantes de hoje”, afirmou o secretário de Estado americano, John Kerry, em Lima.

JOHN MCCONNICO/AP



## Ficou na promessa

Acordos assinados nas duas últimas décadas provaram ao menos um ponto: a existência desses documentos não garante o cumprimento das metas que estabelecem. Afinal, a iniciativa sustentável não funciona por decretos; depende mais da vontade de empresas e da sociedade de mudar seus hábitos

### 1992

**O acordo:** Agenda 21

**Quem assinou:** 178 países

**As metas:** diminuir o buraco na camada de ozônio e destinar parte do PIB de países desenvolvidos a países pobres, para ajudá-los a se tornar sustentáveis

**O que não saiu do papel:** somente Dinamarca, Luxemburgo, Holanda, Noruega e Suécia honraram o compromisso de financiar países pobres. Mas há uma boa notícia: a diminuição da destruição da camada de ozônio foi alcançada

### 1997

**O acordo:** Protocolo de Kyoto

**Quem assinou:** 191 países

**A meta:** reduzir a emissão de gases de efeito estufa em 5,2% até 2012

**O que não saiu do papel:** ocorreu o oposto, já que houve aumento de 50% na emissão de dióxido de carbono



## 2009

**O acordo:** Copenhague

**Quem assinou:** 141 países

**As metas:** criação do Fundo Verde do Clima (GCF) e corte de 30% nas emissões de gases como o CO<sub>2</sub> pela União Europeia e de 17% pelos Estados Unidos, até 2020

**O que não saiu do papel:** o Fundo Verde foi criado e bateu a meta de capitalização inicial de 10 bilhões de dólares, a União Europeia cortou o CO<sub>2</sub> em 19%, mas as emissões americanas voltaram a crescer em 2013, a uma taxa anual de 2%

## 2014

**O acordo:** Declaração de Nova York sobre Florestas

**Quem assinou:** 28 países

**A meta:** promover o "desmatamento zero" no mundo até 2030

**O que não saiu do papel:** será impossível cumprir o acordo, já que o Brasil, que abriga a maior floresta tropical do mundo, a Amazônia, não ratificou o documento



## Os bons alunos

O estudo The Good Country Index (Índice de Bom País) define quais são os países mais sustentáveis do mundo. Principalmente por tirar vantagem de ter a maior biodiversidade do planeta, o Brasil está em quinto

1º  
lugar



**Islândia**

**O que faz certo:** tem 85% da energia proveniente de fontes renováveis, principalmente de **usinas geotérmicas** (como esta ao lado)

2º  
lugar



**Canadá**

**O que faz certo:** com uma população pequena em relação à sua extensão territorial, o país polui menos do que a capacidade de sua biodiversidade para absorver essa poluição

3º  
lugar



**Suécia**

**O que faz certo:** incentivos financeiros para carros elétricos e a rígida taxaço sobre a emissão de carbono levaram o país a diminuir em 20% a emissão de gases de efeito estufa desde 1990

4º  
lugar



**Noruega**

**O que faz certo:** além de ter baixos índices de emissão de CO<sub>2</sub>, já que 97% da energia do país é limpa, quase não há poluição nas águas de seu litoral

5º  
lugar



**BRASIL**

**O que faz certo:** com a queda de 80% no desmatamento desde 1995, o país passou a absorver mais e emitir menos dióxido de carbono; hidrelétricas e a produção de etanol fazem com que 88,8% da energia nacional seja renovável



FOTO: ISTOCKPHOTO

A história ensina quão decisiva é a participação privada em toda transição feita pela sociedade. O combate ao alargamento do buraco na camada de ozônio foi estabelecido como meta por 36 países em 1989 e por outros 178 em 1992. Para tanto, deveria se encerrar a emissão de gases danosos à camada, como os clorofluorcarbonos (os CFCs), emanados em parte das geladeiras e aerossóis. No entanto, durante muitos anos, empresas se negaram a cumprir o que pediam os governos, com o argumento de que faltavam provas científicas de que esses gases faziam mal ao ambiente. Só houve progresso, nos anos 90, com um corte de quase 100% na liberação de CFC, quando as grandes empresas se convenceram e entraram em campo.

Um estudo feito pela ONU vai direto ao ponto: “Com 86% dos investimentos globais, o setor privado tem um papel vital na transformação para um mundo sustentável”. Virá desses investidores 80% do capital necessário para o fomento da energia limpa. Disse Elon Musk, criador de duas empresas elogiadas, a fabricante de carros elétricos Tesla e a SolarCity, de painéis solares domésticos: “Aposto que a energia solar será nossa principal fonte de produção em 2030. O segredo é tornar baixo o seu custo”. A fórmula é simples: as pessoas só escolhem alternativas quando elas se tornam viáveis economicamente (leia a reportagem a seguir).

Houve um tempo em que se discutia até mesmo a existência do aquecimento global. É página virada, ele existe. Ponto. Depois, veio um embate ainda mais aguerrido, o da responsabilidade da civilização humana no aquecimento global, e aqui também há cada vez mais comprovações, ancoradas em cuidadosos levantamentos científicos. Se há aquecimento, e se o homem o provoca, portanto, é preciso fazer alguma coisa. A Terra passa por drásticas mudanças climáticas, sinônimo de risco para a vida de animais, para os habitats, para a água dos oceanos e mesmo para a produção agrícola, essencial ao sustento humano. Desde o início dos registros históricos, em 1880, a temperatura global subiu 0,85 grau, o que é muito, suficiente para criar um descompasso na natureza. Condições climáticas improváveis se espalham, com vários exemplos: o calor fora do comum no Ártico; as chuvas torrenciais da Índia; a seca dos mananciais de São Paulo. Isso tudo por ter ocorrido uma elevação de 0,85 grau em mais de 130 anos. O que acontecerá com uma elevação superior a 2 graus em 100 anos, situação à qual chegaremos caso continuemos a poluir na mesma toada? Valem as palavras do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, na COP: “O planeta está com febre, e ficando cada vez mais quente. Precisamos agir”. O plural inclui governos, sim, mas parece ser destinado sobretudo à sociedade de mercado livre. ■